

Uma guerra diferente? O que explica a onda de solidariedade com a Ucrânia

Desde o início da guerra, em 24 de Fevereiro, mais de 3,5 milhões de pessoas fugiram do país e procuraram refúgio noutros territórios europeus. Numa resposta coordenada, a Europa mostrou uma abertura nem sempre antes vista e, a título individual, houve quem largasse tudo para ajudar. Ao NOVO, especialistas revelam os motivos que podem ter contribuído para esta onda de apoio



TEXTO
Sílvia Abreu



A invasão russa da Ucrânia estava em curso há nove dias quando Anastasiya Vaynraukh, que nasceu na Ucrânia mas reside em Portugal desde os dez anos, tendo abdicado da nacionalidade ucraniana para adoptar a portuguesa – uma vez que o país não permite a dupla nacionalidade –, decidiu rumar ao centro de acolhimento de refugiados em Korczowa, na Polónia, para prestar o seu contributo naquela que é, segundo a ONU, a maior crise de refugiados na Europa desde a Segunda Guerra Mundial. “Tinha marcado férias na neve de 7 a 11 de Março mas, assim que a guerra começou, soube que não seria capaz de ir”, revela ao NOVO, admitindo que já não conseguia dormir nem estar parada em casa.

Quando chegou ao centro de refugiados, onde ainda se encontra, o cenário era caótico. “Havia muitas mães com filhos, desesperadas, muitos animais, muita emoção e, ao mesmo tempo, muita vontade de ajudar. Senti que estava a viver num paradoxo e que de um lado da fronteira estava o melhor da humanidade e a três quilómetros o pior”, recorda. No seu dia-a-dia, Anastasiya executa diferentes tarefas, que vão desde arranjar alojamento para quem chega a apenas fazer companhia. No meio de toda a agitação, o coração é muitas vezes abalado pela dor do sofrimento alheio: “Nesses dias sinto que tenho de deixar as lágrimas cair. Tento falar com alguém e simplesmente deixar sair o que me vai na cabeça.”

A semelhança da jovem de 28 anos, também 11 meses em Portugal, de 23, decidiu contribuir de alguma forma, tendo no dia 7 de Março, juntamente com mais três pessoas que conheceu através das redes sociais, partido do seu país natal, a Bélgica, em direcção a Korczowa, na fronteira polaca. A intenção era deixar alguns bens e transportar os refugiados que tentassem ir para a Bélgica. Mas, 18 dias depois, ainda lá está. “Decidi ficar porque era necessário levar pessoas até às estações de comboios, aos aeroportos... desde aí, todas as semanas decidi prolongar mais uma”, conta ao NOVO, salientando que tentava regressar a casa no dia 26 de Março.

As suas tarefas consistem sobretudo em levar os refugiados da guerra onde for necessário. Pelo caminho, são muitas as histórias que vai ouvindo daqueles que tudo deixaram para trás. “Fiquei chocado ao



ver pessoas realmente desesperadas e traumatizadas. Vi pessoas assustadas e a chorar porque um avião tinha passado, pessoas que perderam familiares e amigos... outras que não sabiam se os seus entes queridos ainda estavam vivos”, afirma. Perante esta realidade, confiança que tenta sempre ser o melhor ouvinte possível. “Na viagem de regresso ao centro, já sozinho, choro e deixo tudo sair”, confessa, acrescentando que quando regressar a casa tentava procurar ajuda profissional para processar tudo o que vivenciou.

De um “sentimento de revolta” surgiu também a vontade de Francisco Araújo, português de 24 anos, de partir para Siret, na fronteira da Roménia com a Ucrânia. Foi um dos muitos portugueses que saíram do país com uma carinha cheia de mantimentos e medicamentos, tendo esta transportado alguns refugiados para a Alemanha no regresso. Para trás, ficou Francisco. “Sai

Francisco Araújo está em Siret, na Roménia, a apoiar a Cruz Vermelha

“
Senti que estava a viver num paradoxo e que de um lado da fronteira estava o melhor da humanidade e a três quilómetros o pior”

Anastasiya Vaynraukh

de Portugal com a ideia de que ia ficar. Senti-me na obrigação moral de fazer alguma coisa e enquanto sentir que sou útil e conseguir vou continuar cá”, começa por explicar, admitindo que esta guerra o tocou de forma diferente. “Nasci em 1997, não estava à espera de durante toda a minha vida ver uma guerra a acontecer na Europa... Pensava que eram situações relatadas em livros de História e que não voltavam a repetir-se”, lamenta.

Apesar de estar no local a apoiar a Cruz Vermelha, Francisco diz tentar não se cingir apenas a isso e procura atender às necessidade que se vão impondo. “Acho que nestas coisas, independentemente das organizações, [o importante] é a missão que se tem aqui”, explica, numa rápida conversa por telefone durante uma pausa. À semelhança de Anastasiya e de Hannes, também o jovem procura gerir da melhor forma possível a carga emocional que tudo

isto acarreta. “O foco é ‘estou a receber informação de uma pessoa que tem uma vida difícil, estou numa situação em que posso ajudar, tenho de fazer alguma coisa’. É importante transparecer uma energia positiva, dar algum conforto, mostrar que somos humanos e, sobretudo, não tratar as pessoas como coitadinhas ou com uma postura excessivamente condescendente... às vezes até mais importante do que entregar comida ou algum medicamento.”

Anastasiya, Hannes e Francisco são apenas três dos muitos voluntários que deixaram as suas vidas para auxiliar nesta crise humanitária. Desde o início da invasão russa da Ucrânia, em 24 de Fevereiro, mais de 3,5 milhões de pessoas fugiram do país e procuraram refúgio noutros países europeus. Numa resposta coordenada, os países da Europa, incluindo aqueles outrora duros com refugiados vindos do hemisfério sul, mostraram-se solidários

e não hesitaram em aplicar severas sanções, cujo real reflexo na economia – que já começa a sentir-se – está ainda por apurar. Numa entrevista à CNN, Martin Griffiths, coordenador das Nações Unidas para Assuntos Humanitários e Ajuda de Emergência, reconheceu a “diferença chocante ao nível das prioridades para cada povo” quando comparadas com a receptividade que foi dispensada, por exemplo, aos refugiados da Síria.

Humanização faz a diferença

Mas, afinal, o que torna esta guerra e conseqüente crise de refugiados diferente das outras? “Pela dimensão, porque parte de um exército que tem na sua posse armamento nuclear e porque é conduzida por uma liderança caracterizada pelo centralismo, despotismo, pela ambição imperialista e pela capacidade de chantagear o mundo inteiro”, esclarece Elísio Estanque, sociólogo e investigador no Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, assumindo alguma dificuldade em estabelecer comparações. “Cada contexto é condicionado pelos contornos que vão surgindo em cada situação concreta.”

Para Tiago Pereira, psicólogo e membro da direcção da Ordem dos Psicólogos Portugueses, há cinco aspectos que potenciam esta predisposição e maior sensibilidade, tendo o primeiro a ver com a dimensão da identificação. “Há uma proximidade cultural e religiosa mais significativa face a outras situações, o que torna mais simples humanizar as pessoas que vivem a guerra e dela fogem”, começa por explicar. O segundo aspecto prende-se

“

Há uma proximidade cultural e religiosa mais significativa face a outras situações, o que torna mais simples humanizar as pessoas que vivem e fogem da guerra”

Tiago Pereira

Psicólogo

Viatura com palavra “crianças” escrita no exterior para evitar ataques russos

com a dimensão da relação e do suporte social: “Muitas pessoas estão a ser acolhidas por familiares ou pessoas amigas e isso tem um peso grande na capacidade do país em acolher e integrar estas pessoas.”

Além destes, pesa também a questão da proximidade. “Apesar dos mais de quatro mil quilómetros que nos separam, esta guerra acontece muito perto de nós, em termos de distância, mas também na percepção de que podíamos ser nós”, sublinha, acrescentando que isto contribui para uma grande mobilização, gerando um efeito de grupo, que identifica como o quarto aspecto. “Enquanto seres humanos, por princípio, gostamos de estar do lado da maioria. Isso cria um efeito de bolha que vai crescendo e faz com que as iniciativas ganhem mais escala.”

Por fim, há um elevado grau de identificação com as vítimas e a ideia de uma expectativa de integração “mais simples, positiva e sem grande sobressalto social”.

Questionado sobre se isto evidencia alguma hipocrisia europeia, o psicólogo considera não ser o caso: “Não lhe chamaria hipócrita porque tem muito a ver com a forma como funcionamos e, objectivamente, é mais simples sermos empáticos com o que nos é mais próximo.”

Esta posição é também assumida pelo sociólogo Elísio Estanque, que defende tratar-se de uma situação ameaçadora para os valores e democracias aos quais os cidadãos se habituaram no mundo ocidental: “A ameaça de Putin começou com a Ucrânia, mas não temos garantia de até onde pretende chegar aquela lógica imperialista.”

